

O TEATRO DE MACHADO DE ASSIS: LEITURA OU REPRESENTAÇÃO?

Prof. Ms. Marcelo José da SILVA¹ (FACINOR, PG/UEL)

Resumo:

O período de 1850 – 1870 representa um dos momentos mais fecundos do teatro brasileiro. Nesse contexto, Machado de Assis colabora com a publicação de diversas obras dramáticas, apesar da crítica de Quintino Bocaiúva de que o drama machadiano destinava-se à leitura e não a representação (comentário que ecoa na crítica contemporânea). Nesse artigo, analisamos a peça Quase ministro, ancorados em Carlson (1997) a fim de destacar elementos cênicos presentes na peça.

Palavras-chave: Machado de Assis, literatura dramática, Quase ministro.

Introdução

O período de 1850 a 1870 marca um dos momentos de maior pujança do teatro brasileiro. Se não pela qualidade das obras produzidas, ao menos pela quantidade de autores que se dedicaram a ele. Tendo José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo como as principais figuras do teatro, escritores como Quintino Bocaiúva, Aquiles Varejão, França Júnior, Agrário de Meneses, Pinheiro Guimarães dentre outros, também se dedicaram ao mundo dos espetáculos. Como se não bastasse a profusão de escritores, a produção dramática foi ainda favorecida pela receptividade por parte da audiência e pela atmosfera intelectual e literária do período. Dentre os autores que se dedicaram à dramaturgia destacamos aqui a presença do escritor Joaquim Maria Machado de Assis. Aclamado por Veríssimo (s/d, s/n) como “a mais alta expressão do nosso gênero literário, a mais eminente figura da nossa literatura”, Machado de Assis relaciona-se ao gênero dramático como censor teatral, crítico do Conservatório Dramático Brasileiro e comediógrafo, sendo a última atividade nosso interesse neste artigo.

Influenciado pelo momento e pelo gosto que nutria pelo teatro, Machado de Assis inicia sua produção dramática com a publicação da comédia *Hoje avental, amanhã luva* (1860), seguida pela peça *Desencantos* (1861). Em 1862, duas peças de sua autoria, *O caminho da porta* e *O protocolo*, foram encenadas pelo Ateneu Dramático, enquanto a peça *Quase ministro* foi representada em um sarau lítero-musical, em 22 de novembro, na casa de alguns amigos na rua da Quitanda.

Em 1863 é lançado *O Teatro de Machado de Assis* contendo as duas peças encenadas no ano anterior pelo Ateneu, acompanhadas pela carta enviada por Machado de Assis à Quintino Bocaiúva e da resposta obtida. Na carta, Machado de Assis comenta seu fazer teatral e pede que o amigo Bocaiúva avalie as peças escritas. Na epístola é possível conhecer sua pretensão em relação à dramaturgia: a alta comédia, ao teatro como fonte moralizadora que se contrapunha ao teatro como diversão das massas:

Tenho o teatro por coisa muito séria, e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. Caminhar destes simples grupos de cenas – à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do

gênero – eis uma ambição própria de ânimo juvenil, e que tenho a imodéstia de confessar. (ASSIS, 2003 p. 7)

Em resposta à missiva, Bocaiúva o faz imparcialmente, como pede o amigo. Iniciando com frases de incentivo, passa em seguida com franqueza e lealdade a expor suas considerações e classifica as peças de Machado de Assis como “ensaio”, “experiência”, “ginástica de estilo”, “valiosas como artefatos literários” e finaliza informando que “a obra dramática de Machado de Assis, é para ser lida e não representada” (ASSIS, 2003, p.126-7). O veredicto de Bocaiúva sela o destino do comediógrafo Machado de Assis. O juízo do amigo e crítico ecoa em Veríssimo ao afirmar que a obra dramática machadiana é “excelente como literatura amena para deleitar-nos uma hora, mas sem a ação, a força, a emoção que deve trazer a obra teatral” (s/d, s/n) e repercute na crítica atual.

Apesar do julgamento considerado rigoroso, Machado de Assis deu continuidade à sua produção dramática em que pode exercitar seu estilo refinado e apesar da crítica que aponta em suas peças um investimento retórico maior que o investimento cênico, ele produziu obras que encantam pelo fino trato dispensado à ironia e ao riso, seguindo sua tendência natural ao humor que pode ser percebido em alguns de seus contos e romances posteriores.

Nas palavras de Veríssimo o reconhecimento pela perseverança e dedicação de Machado ao gênero dramático: “ao contrário de alguns notáveis escritores nossos que começaram pelas suas melhores obras e como que nelas se esgotaram, tem Machado de Assis uma marcha ascendente. Cada obra sua é um progresso sobre a anterior” (s/d, s/n). Pontes (1960, p.13) por sua vez afirma: “Machado atingiu seu momento melhor na metade da carreira de dramaturgo, tendo repetido erros das primeiras peças nas últimas, sem contudo ter voltado ao primarismo inicial”.

Na classificação feita por Pontes, o grupo que compõe o ponto alto da dramaturgia machadiana é composto pelas peças *Quase ministro* e *Lição de botânica*. Não nos propomos neste trabalho discorrer sobre a classificação apresentada. Ao analisarmos a comédia *Quase ministro*, procuraremos, de acordo com Carlson (1997), explicitar elementos do drama, especificamente da comédia, que juntamente com as características do autor compõem a peça.

A obra *Quase Ministro* e a carpintaria teatral

A peça, composta em um ato, foi escrita para ser representada por oito personagens. Luciano Martins, o deputado e provável futuro ministro; Doutor Silveira, o primo aficionado por cavalos; José Pacheco, o escritor e pseudo analista político; Carlos Bastos, o poeta; Mateus, o inventor; Luis Pereira, o pretenso compadre; Muller, o diretor de teatro lírico; e Agapito, amigo de Martins e Silveira e intermediador de Muller. Como informa o autor, a peça foi escrita para ser representada entre amigos em um sarau, o que explica a ausência de uma personagem feminina.

Resumidamente a obra apresenta a seguinte fábula: Com a morte de um dos ocupantes do ministério corre o boato na cidade de que Martins seria convidado para ocupar a vaga existente. Silveira é o primeiro a chegar à casa do primo, a princípio, para falar sobre a queda que sofreu enquanto cavalgava. Martins o informa sobre os rumores e mostra certeza da efetivação do convite. Em seguida surge Pacheco, o escritor, e anuncia que a situação que se apresenta já estava prevista em um de seus artigos escritos anteriormente. Após breve discussão sobre política, ele sugere que Martins aceite o convite e se propõe a escrever sobre o momento, tornando-se assim o porta-voz do novo ministro.

Bastos, o poeta filho das musas, chega trazendo uma ode em homenagem à Martins. Ao saber que Pacheco voltará para o jantar convida-se a permanecer para que possa oferecer a sobremesa literária, a leitura da ode. Martins ainda recebe Mateus que lhe apresenta sua mais recente invenção. Uma peça de artilharia, em suas palavras, extremamente importante para o país. Apesar de ter recebido propostas de outros países, diz ter resolvido, por amor à pátria, a materializar seu invento

no Brasil e tudo o que precisa é de um pequeno subsídio, e para isso conta com a ajuda do novo ministro.

Martins, cansado de esperar pela formalização do convite resolve sair em busca de informações. Silveira fica na casa do primo com os visitantes e recebe Pereira. A intenção deste é oferecer um jantar em homenagem ao novo ministro. No decorrer da conversa revela que na ocasião oferecerá um de seus filhos para que Martins o batize, tornando-se deste modo, compadre do ministro.

Os últimos a chegarem são Agapito e Müller. A Agapito, na condição de eleitor do partido de Martins e namorado da prima-dona do espetáculo, cumpre a função de apresentar Müller que busca uma subvenção oficial junto ao novo ministro para a montagem de um espetáculo lírico. O desfecho da trama ocorre com o retorno de Martins e o anúncio de que os rumores não passavam de boatos e que o novo ministério já estava composto, sem sua presença. Ao saber disso todos se vão à procura do novo ministro, ficando apenas Martins e Silveira que comentam o oportunismo dos demais.

Apesar de ter sido acusado de escrever para o teatro uma comédia centrada na linguagem, do mesmo modo que as peças francesas de Alfred Musset, *Quase ministro* não depende apenas das qualidades literárias de Machado de Assis para ter seu valor reconhecido. Ao procedermos à análise da comédia em questão, verificamos a preocupação do autor com a carpintaria do teatro, com a construção cênica, com indicações precisas das falas e localização dos personagens, indicando que almejava ver suas peças no tablado.

A esse respeito, gostaríamos de enfatizar a preocupação com o número de personagens em cena na peça analisada. Segundo Horácio (68-5 a.C.) (apud CARLSON, 1997, p.23), em sua obra *Ars Poética*, o número de personagens que falam não deve ultrapassar três no palco ao mesmo tempo. Coincidentemente, ou cuidadosamente estudado, já que essa peça foi escrita para ser representada, até a cena X, Machado segue a risca essa indicação. Nas cenas que se seguem o número de personagens aumenta, porém, ele encontra respaldo na afirmação de Charles Estierne: (apud CARLSON, 1997, p.67) “ninguém poderia permanecer em cena se não precisasse falar ou ouvir”. É justamente essa a função das personagens no tablado, pois neste momento, a peça se encaminha para seu desfecho, o momento onde todos saberão da escolha do novo ministério e que Martins não fará parte dele.

O desenho dos caracteres, ou a preocupação com a maneira como os personagens são descritos, é outro fator coincidente com a teoria do teatro. Na cena I, nas primeiras falas de Silveira, a platéia já é capaz de perceber o seu caráter irônico, a sua tendência ao exagero, sua paixão por cavalos e seu senso de oportunismo, embora ainda bastante velado:

SILVEIRA (entrando) – Primo Martins, abraça este ressuscitado! (ASSIS, 2003, p.239)

SILVEIRA – Ah! Mas as comoções... E as folhas amanhã contando o fato: “DESASTRE. – Ontem, o jovem e estimado Dr. Silveira Borges, primo do talentoso deputado Luciano Alberto Martins, escapou de morrer... etc.” Só isto! (ASSIS, 2003, p.240-1)

Os tipos utilizados para compor a peça são os mesmos encontrados no fragmento conhecido como *Tractatus coislinianus* de autoria e época incertas. Segundo o *tractatus*, a comédia é compreendida por “bufões (atores encarregados de fazer rir o público com mímicas, caretas e trejeitos), *eirons* (personagens irônicos) e impostores, caracterizando-se a linguagem como comum e popular”. Na cena II, no diálogo entre Martins, o quase ministro, Pacheco, o escritor e Silveira, o primo, têm-se a explicitação do impostor e do irônico:

PACHECO - Então que me diz à situação? Que me diz à Situação? Eu já previa isto. Não sei se teve a bondade de ler uns artigos meus assinados – Armand Carrel. Tudo o que acontece hoje está lá anunciado. Leia-os, e verá. Não sei se os leu?

MARTINS – Tenho uma vaga idéia.

PACHECO – Ah! Pois então há de lembrar-se de um dele, creio que é o IV, não é o V. Pois nesse artigo está previsto o que acontece hoje, tim tim por tim tim.

SILVEIRA – Então V. S. é profeta?

PACHECO – Em política ser lógico é ser profeta.(...) (ASSIS, 2003, p.243-4)

Pacheco, com o intuito de demonstrar conhecimento no campo político, faz freqüentes menções aos seus artigos, em especial ao artigo V. Martins, como se soubesse da não existência de tais artigos, concorda que irá lê-los. “Estas coisas devem ser lidas muitas vezes”. (ASSIS, 2003, p.246)

Entretanto, a ironia explícita nesta cena fica a cargo do primo do suposto futuro ministro, que após ouvir elogios de Pacheco em relação aos seus próprios artigos que mais se assemelham a previsões mediúnicas a respeito de política e economia, dispara:

SILVEIRA – (...) Por que não se propõe a uma cadeira no parlamento?

PACHECO – Tenho meu amor próprio, espero que ma ofereçam.

SILVEIRA – Talvez receiem ofende-lo.

PACHECO – Ofender-me.

SILVEIRA – Sim, a sua modéstia...

PACHECO – Ah! Modesto sou, mas não ficarei zangado.

SILVEIRA – Se lhe oferecerem uma cadeira... está bom. Eu também não; nem ninguém. Mas acho que se devia propor. Fazer um manifesto, juntar os seus artigos, sem faltar o V. (ASSIS, 2003, p.247-8).

Do mesmo modo, nas cenas subseqüentes esses tipos se farão presentes. Na cena IV, ao ouvir Bastos, o poeta apresenta-se como filho das musas. Silveira, que para livrar seu primo Martins de Pacheco na cena anterior utilizou do expediente de introduzir na conversa entre os dois o seu assunto preferido, cavalos, sente que não poderá fazer o mesmo agora, já que por ser primo das musas, o poeta deve conhecer Pégaso.

Utilizando um discurso poético, impregnado da cultura clássica greco-latina, Bastos ao se oferecer para a leitura uma ode escrita em homenagem a Martins nos revela seu caráter bajulador.

BASTOS - (...) É que, na verdade, quando um ministério sobe ao poder, há razões para acreditar que fará a felicidade da nação. Mas nenhum a fez; este há de ser exceção: V. Exa. está nele e há de obrar de modo que mereça as bênçãos do futuro. Ah! Os poetas são um tanto profetas. (ASSIS, 2003. p.257)

Na cena VII, o embate se dá entre Mateus, o inventor, e Martins. Da mesma forma que os anteriores, Mateus glorifica Martins e ressalta de modo exagerado suas qualidades. Objetivando um privilégio pela sua invenção, informa:

MATEUS – (...) Devo acrescentar que alguns ingleses, alemães e americanos, que, não sei como, souberam deste invento, já me propuseram, ou a venda dele, ou uma carta de naturalização nos respectivos países, mas eu amo a minha pátria e os meus ministros. (ASSIS, 2003, p.262)

A ironia fica novamente a cargo de Silveira, que na expectativa de apressar a saída de Mateus após um pedante esclarecimento sobre sua invenção, pergunta: “Então V. S. inventou alguma coisa? Não foi a pólvora?” (ASSIS, 2003, p.264), obviamente isso dito diante de uma platéia formada por pessoas cultas, despertaria o mais franco riso.

Em seguida é a vez de Pereira oferecer um jantar ao “ministro mais simpático”. Qual seria o objetivo de Pereira? Logo após a oferta, o motivo é revelado. A cada novo ministério, um filho

para ser batizado. Uma característica do autor que lhe será cara no futuro, o fino trato com a ironia percebida nas entrelinhas.

A crítica desenvolvida por Machado, representando a relação entre o homem público e o poder que o cargo lhe confere, não se restringe àqueles que se aproximam para obter benefícios pessoais diretos, atinge também aqueles que se colocam na posição de mediador. É o que ocorre com Agapito ao apresentar o Sr. Müller, solicitante de uma subvenção do ministério para contratar o teatro lírico. No decorrer do discurso, após apresentadas as razões para demonstrar a necessidade de um teatro lírico, sua real motivação é descoberta.

SILVEIRA – Não contesto nenhuma dessas razões, mas meu primo, se for efetivamente ministro, não aceitará semelhante proposta.

AGAPITO – Deve aceitar, mais ainda, se és meu amigo, debes interceder pelo Sr. Muller.

SILVEIRA – Por quê?

AGAPITO – (baixo a Silveira) Filho, eu namoro a prima-dona. (alto) Se me perguntarem quem é a prima-dona, não saberei responder, é um anjo e um diabo; é a mulher que resume as duas naturezas, mas a mulher perfeita, completa, única. Que olhos! Que porte! Que donaire! Que pé! Que voz!

SILVEIRA – Também a voz? (ASSIS, 2003, p.270-1)

É necessário ainda em nossa análise chamar a atenção para Martins, o suposto futuro ministro. Sua conduta, se não repreensível, pode ser ao menos classificada como duvidosa. Apesar de tratar-se do personagem ao redor do qual os demais se movimentam, ele não escapa à crítica de Machado. Se a princípio pensamos nos demais personagens como aproveitadores a espera de uma oportunidade, aqueles que querem tirar proveito da situação, Martins representa o político que se coloca em posição de receber elogios e bajulação. Mais que retratar os interesseiros atraídos pelo poder, Machado tece uma crítica ao sistema de poder que envolve as relações políticas na República.

No percurso do personagem, na cena I, quando Silveira lhe pergunta se “estava ministro”, ele responde “quase”, e ainda alimenta as expectativas do primo demonstrando acreditar que seria convidado. Na cena II, quando Pacheco lhe pergunta se fora chamado para o ministério, simplesmente responde: “não estou decidido”, como se a decisão devesse partir dele. Essa pretensa ‘indecisão’ ainda aparece outras vezes na peça. Ora, se ainda não havia sido convidado seria mais digno dizer a verdade, entretanto, ele age durante toda a peça como se o convite fosse algo concreto. A conduta de Martins é a de quem está certo de que o convite será efetivado.

O inesperado, a contradição de algo que é dado como certo, a certeza não concretizada, causando a decepção, é catalogada no *Tractatus* (apud CARLSON, 1977, p.22) como motivo de riso na comédia. Nesse sentido, a distância entre comédia e tragédia se estreita. O que poderia ser considerado trágico na peça é retratado de maneira cômica através do exagero do trágico, tornando assim a comédia uma paródia da tragédia. Visão essa compartilhada por Affonso Romano de Sant’Anna em sua obra *paródia, paráfrase & cia*.

Para finalizarmos os tipos de caracteres mencionados, convocamos a imagem do bufão. E como bufanismos estamos considerando as tiradas que permeiam a peça, quando o autor indica como deve proceder o ator, seguida de uma frase geralmente cômica, que se a cargo de alguém que lhe possa representar a altura das qualidades machadianas revelar-se-ão fortemente risíveis, como as presentes nos excertos abaixo, dentre outros:

SILVEIRA – (à parte) Que maçante! (ASSIS, 2003, p.246)

(...)

MARTINS – (baixo a Silveira) Será tolo ou velhaco?

SILVEIRA – (baixo) Uma e outra coisa. (ASSIS, 2003, p.247)

(...)

BASTOS – Pois não! (à parte) Que remédio! (ASSIS, 2003, p.259)

(...)

MARTINS – Muito obrigado. (à parte) É sempre a mesma cantilena. (ASSIS, 2003, p.260)

Em *Quase ministro*, a leitura superficial e desatenta da peça pode deixar o leitor com uma idéia equivocada a respeito da obra e levá-lo a reproduzir o mesmo julgamento de Faria (ASSIS, 2003, p. XXII) em relação a obra: “a ação da comédia limita-se a esse desfile de tipos ridículos”.

Se a princípio a ação parece desprezível e pouco desenvolvida, as palavras enredadas nos discursos das personagens construirão uma ação paralela cuja manifestação dar-se-á no nível textual. Deste modo a língua, o chiste, o brilho do raciocínio rápido, o uso de homônimos, garrulice e ambigüidades constituirão o motivo do riso, compensando de certo modo as ações rarefeitas.

O ponto alto da comédia em questão é percebido nas cenas finais. Com Silveira fazendo as honras da casa enquanto Martins sai em busca de notícias sobre a pasta que esperava assumir no novo ministério, temos no palco a reunião de todos os especuladores. Não são poupados elogios a Martins, e tudo é feito de forma exagerada, proporcionando um contraste com a ação preparada pelo autor para a próxima cena. Com a chegada de Martins, os bajuladores se agitam e ele já na condição de ex-futuro ministro transmite a notícia, mantendo em sua fala a expectativa criada. Ao invés de dizer diretamente que não era o ministro, pronuncia a frase: “Agradeço a simpatia; mas o boato que correu hoje, desde manhã, é falso... O ministério está completo sem mim” (ASSIS, 2003, p.277).

Não se afastando de seu conceito de teatro com função moralizadora, cujo objetivo é ao mesmo tempo agradar e ser útil, Machado apresenta uma pequena história de fundo moral onde abertamente tece críticas à sociedade que acolhe e ao mesmo tempo afasta de acordo com seus interesses e finaliza a peça com Silveira resumindo o acontecido.

MARTINS – Que me dizes a isto?

SILVEIRA – Que hei de dizer! Estava a surgir... dobraram o joelho: repararam que era uma aurora boreal, voltaram a costas e lá se vão em busca do sol... São especuladores!

MARTINS – Deus te livre destes e de outros... (ASSIS, 2003, p.278-9)

A peça *Quase ministro* se encaixa nas características do teatro realista da segunda metade do século XIX ao abordar um tema relacionado à realidade. Com a utilização de uma linguagem política Machado discute a sordidez dos interesses da sociedade, satiriza o poder do homem público e critica o comportamento burguês e das instituições sociais com pinceladas de moralidade.

Conclusão

Caracterizar a obra dramática de Machado de Assis como “provérbios franceses” por dar mais importância ao diálogo em detrimento à ação, não significa que não seja representável. Cícero (106-43 a.C.) segundo Carlson (1997, p.22) buscava estimular o riso nos ouvintes por meio da linguagem. Diante de tantas características próprias do teatro que estão presentes na obra *Quase ministro*, e estendendo essas descobertas às demais peças, não se pode afirmar que a dramaturgia de Machado de Assis destina-se a leitura e deva ficar restrita ao âmbito da literatura dramática. A exemplo de *O protocolo* e *O caminho da porta*, a obra *Quase ministro* já passou pela prova de palco com sinais de ter sido bem recebida pelo público.

Alfred Musset, poeta francês, apontado pela crítica como modelo de teatro para Machado, é o mais distinto representante do que ficou conhecido como “provérbios franceses”, e nem por isso suas peças deixaram de ser representadas ou o autor deixou de ser reconhecido como talvez o dramaturgo mais significativo da primeira metade do século XIX.

Críticas negativas a obra dramática machadiana somente são justificáveis se comparadas com suas obras posteriores em outros gêneros. Através de sua crítica teatral podemos conhecer o que ele almejava para o teatro, em especial ao teatro brasileiro, e verificar que ele não se distanciou de seus objetivos e do que foi produzido no campo do teatro em sua época. Estender a crítica feita por Quintino Bocaiúva a toda a obra dramática de Machado de Assis demonstra superficialidade e imparcialidade de julgamento.

Referências Bibliográficas

- [1] VERÍSSIMO, José. Machado de Assis. In: _____. *História da literatura brasileira*. Disponível on-line em www.virtualbooks.terra.com.br/literatura_brasileira/História_Literatura_Brasileira.htm, acesso em 19/12/2006.
- [2] ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [3] VERÍSSIMO, José. O teatro e a literatura dramática. In: _____. *História da literatura brasileira*. Disponível on-line em www.virtualbooks.terra.com.br/literatura_brasileira/História_Literatura_Brasileira.htm, acesso em 19/12/2006.
- [4] PONTES, Joel. *Machado de Assis: teatro*. Rio de Janeiro: AGIR, 1960, p. 5-19.
- [5] CARLSON, Marvin. Teoria romana e do classicismo tardio. In: _____. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 21-28.
- [6] _____. O renascimento Francês. In: _____. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 65-72.
- [7] SANT'ANNA. Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 7ª ed., 2000.
- [8] FARIA, João Roberto. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Teatro de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

ⁱ **Marcelo José da SILVA, Prof. Ms.**

Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná (FACINOR)
Doutorando na Universidade Estadual de Londrina
marcelojosilva@ig.com.br